

Filipe Caetano de Leucas Machado

A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS

Um dialogo entre as teorias que fundamentam a educação física escolar e a forma
com estas acontecem na prática

Belo Horizonte

2011

Filipe Caetano de Leucas Machado

A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS

Um dialogo entre as teorias que fundamentam a educação física escolar e a forma
com estas acontecem na prática

Monografia apresentada ao departamento de
Educação Física da Universidade Federal de
Minas Gerais como requisito obrigatório para a
obtenção do titulo de Licenciado em Educação
Física

Orientador: José Alfredo Oliveira Debortoli

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - UFMG

2011

Sumário

1. INTRODUÇÃO	3
2. CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DAS DIFERENTES TEORIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA.	5
2.1 Um apanhado histórico das concepções e das transformações no pensamento da educação física.	5
2.2 Concepções com viés Psicológico	8
2.3 As concepções com olhar Sociológico.....	11
3. A EDUCAÇÃO FÍSICA NO COTIDIANO ESCOLAR.....	15
3.1 Breve contextualização sobre a Escola como contexto de pesquisa	15
3.2 Os professores e as aulas	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
5. REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

Proponho com este trabalho de monografia compreender melhor as práticas pedagógicas da Educação Física e assim conseguir identificar aspectos didáticos positivos com os quais posso vir a trabalhar posteriormente. Pois durante a minha Graduação, pelas diversas disciplinas que cursei, fui entrando em contato com as varias formas de se ensinar a Educação Física. Porém fui conduzindo minha formação com um viés mais teórico sobre essas didáticas, buscando uma maior apropriação desses conteúdos tentando visualizá-los acontecendo na sua concepção prática.

Nesse momento em que me encontro em uma parte final da minha da minha trajetória docente, senti a necessidade de observar algumas das formas como a Educação Física acontece, e para isso resolvi analisá-la acontecendo no cotidiano da escola, ou seja, analisar a prática docente de diferentes professores de uma mesma escola, lecionando para turmas de mesma idade, e tentar me apropriar das mesmas.

Entendo, também, que esta monografia pode contribuir também com a área de pesquisa que surge na década de 80 e que busca o crescimento e a construção de um campo científico rico acerca das questões inerentes à Educação Física Escolar, uma vez que esta monografia tende a me auxiliar na formação docente ajudando a visualizar possibilidades pedagógicas, ela também pode acarretar os mesmos benefícios a outros colegas graduandos que anseiem pelo mesmo aprendizado.

Este trabalho é dividido em duas partes distintas que se complementam na primeira delas é feito um diálogo com autores da área da Educação Física Escolar, e que buscaram em suas pesquisas apresentar possibilidades pedagógicas para nossa área, como Go Tani, Eleonor Kunz, Walter Bracht, entre outros. Utilizando uma abordagem tanto histórica quanto empírica para perceber as mudanças que ocorreram nas produções acadêmicas na Educação Física durante os anos, e assim visualizar as diferentes formas como a educação física escolar foi abordada, as diferentes perspectivas de estudo que apareceram ao longo desse percurso. A partir dessa análise histórica duas concepções significativas são exploradas com uma maior minúcia, e a partir disto tem-se uma teorização de

práticas pedagógicas que permeiam a formação docente de professores, e se faz uma análise das possibilidades de trabalho presentes na Educação Física.

A partir desse levantamento teórico, desdobrou-se a segunda parte, na qual propus a partir destas teorias, as formas como elas acontecem na prática, observando como a Educação Física pode acontecer no mesmo espaço, para um público semelhante, a partir das práticas pedagógicas de diferentes professores. Para isso foi feito um estudo de campo que contou com a observação de aulas e entrevistas com os professores, para com isto analisar a forma como eles entendem a educação física, suas concepções teóricas e metodologia de trabalho, e assim perceber em suas ações práticas como isto ocorre. Traçando sempre um paralelo entre o a ação docente dos professores, com o seu posicionamento sobre as questões acerca da mesma na entrevista.

Para o trabalho de campo observei dois professores de uma mesma escola, que são contemporâneos em suas formações acadêmicas, e tem idades similares. Isto pois, trabalhando na mesma escola, eles estão sujeitos à mesma forma de organização da Educação Física no espaço de trabalho, trabalham baseados em um mesmo projeto político-pedagógico de educação física, e assim possuem as mesmas limitações. E uma vez que eles são contemporâneos em formação, tiveram contato com as mesmas concepções teóricas durante a mesma, e para além disto presenciaram em sua trajetória escolar também concepções bastante próximas. Uma vez que eles têm uma formação teórica similar, as diferenças que eles venham a possuir se dá pelas escolhas feitas e se baseiam na forma como cada um deles entende a educação física, e este trabalho explora estas diferenças em sua forma prática, para assim perceber o que há de significativo em cada uma delas, as possibilidades, as tensões, etc.

Com isto neste trabalho estabelece-se uma relação entre a teoria e a prática das concepções pedagógicas da Educação Física, e com isto ajudar na formação de professores à compreensão das formas que se tem de trabalhar, apontando limites e positivities dessas concepções, e assim dar um melhor embasamento para a prática docente dos mesmos.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DAS DIFERENTES TEORIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Neste capítulo, irei abordar o percurso histórico das produções acadêmicas da Educação Física, tratando dos pressupostos que embasaram a sua construção enquanto ciência e os desdobramentos que ocorrem nos mesmos, trabalhando em um momento posterior nesse capítulo duas vertentes diferentes de entender a Educação Física, uma delas com um embasamento mais psicológico e a outra seguindo uma linha mais sociológica.

Dentro dessa vertentes procurarei ainda trabalhar as concepções de se trabalhar a Educação Física escolar, dando um maior destaque para a concepção crítico-emancipatória, cujo principal teórico é Elenor Kunz, e a concepção Desenvolvimentista, que tem como referencia Go Tani.

2.1 Um apanhado histórico das concepções e das transformações no pensamento da educação física.

A Educação Física e a sua prática nas escolas ainda é foco de muitas discussões, seja para reafirmar a sua importância como disciplina curricular, ou definir o seu papel nas escolas como conteúdo formador de cidadãos, conscientes dos seus atos enquanto pessoa e da importância do seu corpo (movimento) enquanto algo único e essencial.

As discussões acerca das questões acima se baseiam na historicidade que o ensino da Educação Física teve durante vários períodos históricos, assim como as diversas ideologias a qual ela foi submetida e utilizada: o culto ao corpo, símbolo da saúde ou aptidão física para o trabalho produtivo no mundo capitalista. Ou seja, muitas vezes a Educação Física foi utilizada como instrumento do poder político ou da ideologia vigentes.

A constituição da educação física, ou seja, a instalação dessa prática pedagógica na instituição escolar emergente dos séculos XVIII e XIX, foi fortemente influenciada pela instituição militar e pela medicina. A instituição militar tinha a prática exercícios sistematizados que foram ressignificados (no plano civil) pelo conhecimento médico. Isso vai ser feito numa perspectiva terapêutica, mas principalmente pedagógica. Educar o corpo para a produção significa promover saúde e educação para a saúde (hábitos saudáveis, higiênicos). Essa saúde ou virilidade (força) também pode ser (e foi) ressignificada numa perspectiva nacionalista/patriótica. Há exemplos marcantes na história desse tipo de instrumentalização de formas culturais do movimentar-se, como, por exemplo, a ginástica: Jahn e Hitler na

Alemanha, Mussolini na Itália e Getúlio Vargas e seu Estado Novo no Brasil. (BRACHT, 1999, p. 72-73).

Nesse contexto a educação física era proposta como forma de disciplinar o corpo e moldar os indivíduos dentro de um padrão cultural, sendo assim os indivíduos estariam sendo educados corporeamente para o trabalho, e ao mesmo tempo educados moralmente dentro do padrão desejado.

Para exemplificar esse sentido histórico, Bracht (1999) cita o movimento carismático da Igreja Católica no Brasil – a aeróbica do Senhor, no qual “Normas e valores são literalmente ‘incorporados’ pela sua vivência corporal concreta” (BRACHT, 1999, p. 73) nesse caso os valores da própria igreja. E assim aponta que “A obediência aos superiores precisa ser vivenciada corporalmente para ser conseguida; é algo mais do plano do sensível do que do intelectual” (BRACHT, 1999, p. 73.)

Ainda com semelhante interesse, o esporte foi agregado aos conteúdos da educação física, uma vez que o fenômeno esportivo muito tinha a agregar em termos de sentidos/significados. Um dos objetivos que se originou a partir disto, e que esteve muito presente na educação física brasileira no período do regime militar, foi o de “garimpar” e preparar jovens para virarem atletas que iriam representar o país em competições internacionais.

Porém no início dos anos 70 esse paradigma começou a ser questionado, e com o declínio do regime militar no Brasil, o mesmo foi perdendo sustentação.

Jocimar Daólio (1997) aponta que um importante fato que modificou o cenário da Educação Física brasileira neste período, foi o retorno dos primeiros brasileiros doutorados no exterior, e para além disto, nesse mesmo momento se deu à criação de cursos de Pós-graduação no país, o que começou a levantar uma produção acadêmica na área, e uma aproximação da educação física com outras áreas de conhecimento.

Os discursos acadêmicos da Educação Física Brasileira foram tomados como parte de um universo simbólico que foi socialmente produzido e ainda socialmente mantido. As formas de pensamento da Educação Física foram analisadas como construções sociais representadas por um grupo de estudiosos, seus autores e, ao mesmo tempo, atores, uma vez que desempenhavam papéis relevantes nessa dramaturgia do pensamento científico da área. A intenção foi desfocar a discussão de uma perspectiva de disputa entre as várias abordagens da área para a consideração de que todos os discursos sobre a Educação Física foram importantes para compor o cenário, dentro do qual os atores envolvidos puderam desenvolver a trama da construção do pensamento acadêmico da Educação Física brasileira. (DAOLIO, 1997)

Ou seja, a partir das concepções que a Educação Física foi incorporando ao longo de sua história, foram se criando tensões e discussões. E neste mesmo tempo à mesma começou um movimento de inserção na área das ciências humanas e sociais, passando assim a criticar o paradigma anterior, e iniciando assim um movimento denominado “Movimento renovador da Educação Física Brasileira na década de 1980”.

Segundo Daólio (1997) as produções acadêmicas da educação física anterior a este período se resumiam a tratados sobre a fisiologia do esporte, a manuais técnico-esportivos e a publicações que se referiam as modalidades esportivas de maneira técnico-didática. E a partir dessa aproximação com novas áreas de conhecimento, desse dialogo começaram a aparecer estudos que se apoiavam em ideais da Pedagogia, da psicologia, da história, enfim, que ampliaram o campo de produções acadêmicas da Educação Física.

De posse deste novo cenário no qual se encontrava a Educação Física foi que houve uma contribuição importante de um filósofo português chamado Manuel Sérgio, que a partir das publicações que estavam sendo feitas na década de 80 acabou influenciando as discussões acadêmicas da área.

Sérgio (1989 citado por DAÓLIO, 1997) a Educação Física não pode existir sem uma ciência que lhe dê suporte. Fazendo uma comparação com outras áreas, afirma que antes da educação médica existe a medicina; antes da educação jurídica, há o direito; e a Educação Física, diferentemente de outras áreas, ainda carece de uma matriz científica que lhe dê sustentação.

A partir disto, Sérgio (1989) propõe como matriz de sustentação à Ciência da Motricidade Humana, mas para além desta, duas outras matrizes surgiram, e tomaram uma força maior, vindo em momento posterior até há se tencionarem. São elas: A matriz biológica, que serviu de base para a concepção desenvolvimentista, e a outra é a matriz que se apóia na Cultura Corporal, que teve forte influencia de ideais marxistas para se desenvolver.

Uma das principais obras da época, o Coletivo de Autores (1994), trabalha com a ideia de que a forma como a Educação Física vinha acontecendo nas escolas era tradicional ou “conservador”, onde a apreensão de técnicas suplanta o pensar e a ação social, delineando o que ele trabalha como uma “pedagogia não

crítica”, que encobre os problemas sociais existente, bem como ignora uma sociedade de luta de classes, bem ao modo dos dominantes.

Sendo assim o Coletivo de Autores (1994) prega que aja um currículo ampliado, que proporcione uma reflexão social, onde o aluno é levado a pensar de forma dialética a realidade em que vive. As disciplinas, mesmo abrangendo diferentes áreas do conhecimento, provocam o aluno no meio em que ele vive de maneira critica, pois cada uma deve contribuir, à sua maneira, para a compreensão da realidade.

Cada matéria ou disciplina deve ser considerada na escola como um componente curricular que só tem sentido pedagógico à medida que seu objeto se articula aos diferentes objetos dos outros componentes do currículo [...] (SOARES, 1994, p.19).

A partir deste movimento surgiram varias propostas pedagógicas diferentes, que tentam ressignificar a educação física cada um à sua maneira, tendo pontos em comum, mas também carregando grandes diferenças entre si.

Nos tópicos adiante abordarei as perspectivas que visam melhorar o ensino da Educação Física.

2.2 Concepções com viés Psicológico

Das concepções com um viés mais psicológico se destacam:

A da Psicomotricidade, que teve uma maior influencia nas décadas de 70 e 80, e embora tenha perdido um pouco de força, ainda esta presente nos dias de hoje. Essa proposta recebe algumas criticas, como Bracht explicita:

[...] Essa proposta vem sendo criticada exatamente porque não confere à EF uma especificidade, ficando seu papel subordinado a outras disciplinas escolares. Nessa perspectiva o movimento é mero instrumento, não sendo as formas culturais do movimentar-se humano consideradas um saber a ser transmitido pela escola. [...] (BRACHT, 1999, p.79).

A concepção de João Batista Freire (1992), que se preocupa mais com cultura infantil e faz usos de estudos da psicologia do desenvolvimento em sua proposição.

E a concepção a desenvolvimentista, a qual irei detalhar mais neste estudo, que tem como principais autores os professores Go Tani, Edison de Jesus Manuel e Ruy Krebs . A teoria Desenvolvimentista tem como idéia central oferecer ao aluno oportunidades e experiências de movimento de modo a garantir o seu

desenvolvimento normal. Ou seja essa teoria é muito marcada pelos estudos do Desenvolvimento Motor Humano.

Podemos perceber isto pelas palavras de Go Tani que cita que o comportamento do movimento humana é composto por três domínios básicos: "cognitivo (atividades intelectuais ou operações mentais), afetivo-social (sentimentos e emoções) e motor (movimentos)". Atendo-se mais no conceito de movimento, sendo a ação motora entendida como "o deslocamento do corpo e membros produzidos como uma consequência do padrão espacial e temporal da contração muscular", ou seja, algo observável. Ação motora, é uma resposta orientada a uma meta por meio de movimentos do corpo e/ou membros.

Seguindo essa ótica desenvolvimentista, Go Tani, em seu livro "Educação Física, vida e movimento" aponta algumas formas de se trabalhar os conteúdos da educação física, e utiliza alguns esquemas segregados por faixas etárias para descrever os possíveis conteúdos mais adequados a cada idade.

Mas também fica atenta a outras necessidades, apontando que as atividades desenvolvidas pela EF Escolar também fazem parte da cultura do movimento, através do jogo, do esporte, da ginástica, da dança, do exercício e da luta. Portanto, é de fundamental importância que o aluno conheça as práticas corporais de sua cultura (cultura de movimento).

De acordo com Go Tani (2006) possui duas funções básicas: fornecer autonomia aos alunos para uma prática efetiva e segura de exercícios físicos, durante e após a vida escolar e transmitir a importância desse aspecto da cultura do movimento para a adoção de um estilo de vida saudável.

Para isso, ao compreender as dimensões biológicas da atividade física, colabora com a qualidade de vida, a partir do momento em que se incorpora esse valor na prática esportiva, das séries iniciais do ensino fundamental ao ensino médio desde que ajustados ao desenvolvimento cognitivo dos alunos, respeitando-se também os conteúdos para cada região em que os alunos vivem.

Sendo assim, com as aulas de Educação Física os alunos deverão ser capazes de compreender, através das práticas corporais presentes na cultura do movimento:

- a- Conhecer a origem cultural e a histórica de cada atividade;
- b- Identificar, descrever, experimentar e demonstrar suas variadas manifestações (por exemplo, os vários tipos de jogos e brincadeiras

folclóricas ou os exercícios da ginástica acrobática como a estrela, o rodante, a parada de mãos);

c- Aprender as regras, os mecanismos de organização e administração de cada atividade (por exemplo, como se organiza um torneio de ginástica artística e como é o sistema de pontuação);

d- Identificar, reconhecer e respeitar uma atividade enquanto memória e preservação de uma cultura (por exemplo, a capoeira);

e- Reconhecer e compreender a dança como atividade artística e expressiva (de idéias, sentimentos, emoções) e relacioná-la à cultura em que ela se manifesta (por exemplo, as danças regionais);

f- Reconhecer e compreender a relação que a sociedade faz entre gênero e práticas corporais;

g- Reconhecer, compreender e discutir quais os aspectos que a sociedade valoriza esteticamente em relação ao corpo;

h- Reconhecer, relacionar e compreender o esporte como elemento da cultura em que se manifesta;

i- Discutir as implicações sociais e culturais do fenômeno esportivo;

j- Identificar, reconhecer e diferenciar as várias dimensões das práticas corporais (como de lazer, de esporte, de saúde e de entretenimento) e discutir suas implicações para seus envolvidos;

k- Reconhecer o corpo e o gesto como portador de significados culturais e discutir as implicações para o comportamento das pessoas.

Go Tani (2006) afirma ainda que a escola é um espaço privilegiado para a socialização da criança até mesmo porque os espaços públicos de convivência vêm se reduzindo nos últimos anos (regras de convivência), e a aula envolve valores e atitudes. Em relação a atitudes, coloca o professor em um papel importante, devido à influência dele sobre os alunos (afetividade, carinho, respeito), trazendo consigo os valores que serão levados para a vida do aluno.

A Educação Física vem reforçar as atitudes positivas no aluno, com ele mesmo e com os outros, pois se caracteriza pelas atividades em grupo. A exemplo disso, as atitudes e valores que devem ser adquiridas nas competições (vitória e derrota), que seja qual for o resultado pode gerar conflitos, mas que não passem dos limites de respeito ao outro.

2.3 As concepções com olhar Sociológico

As concepções com uma fundamentação mais sociológica, de uma certa maneira, entendem o movimento não como mero instrumento de educação, mas manifestação do aluno, logo nessas concepções os alunos a formação dos alunos não está tão focada no desenvolvimento biológico do mesmo, mas sim em seu desenvolvimento como um todo. Dentro dessas concepções destacam-se:

A proposta Crítico Superadora, que foi fundamentada baseada nas idéias da pedagogia histórico crítica de Demerval Saviani e é apresentada na obra Coletivo de autores em 1992, já citada acima. Valter Bracht resume essa proposta da seguinte maneira:

[...] Entende essa proposta que o objeto da área de conhecimento EF é a cultura corporal que se concretiza nos seus diferentes temas, quais sejam, o esporte, a ginástica, o jogo, as lutas, a dança e a mímica. Sistematizando o conhecimento da EF em ciclos (1º - da organização da identidade dos dados da realidade da iniciação à sistematização do conhecimento; 3º - da ampliação da sistematização do conhecimento; 4º - do aprofundamento da sistematização do conhecimento), propõe que este seja tratado de forma historicizada, de maneira a ser apreendido em seus movimentos contraditórios.[...] (BRACHT, 1999, p.80).

E a proposta Crítico-emancipatória, que irei destacar mais neste estudo, cujo principal formulador é o professor Elenor Kunz. De acordo com Bracht (1999, p.80) “A proposta de Kunz parte de uma concepção de movimento que ele denomina dialógica. O movimentar-se humano é compreendido como uma forma de comunicação com o mundo”.

A proposta de Kunz busca que o aluno seja capaz de crítica e de uma atuação mais autônoma enquanto sujeito, e ele defende nas escolas, ao se adotar uma concepção crítico-emancipatória, deve-se incluir conteúdos de caráter teórico-prático, e não somente ensinar esportes nas aulas de Educação Física. Dessa maneira os alunos podem se organizar em sua realidade dentro de suas possibilidades e necessidades. Assim, o conjunto dessas práticas educativas deve estar embasado em uma concepção que privilegie a comunicação mútua entre os sujeitos.

Kunz (2004) alerta para a necessidade de ampliar a reflexão do movimento enquanto diálogo entre Homem e Mundo, servindo de base para a interpretação pedagógica do movimento humano, fundamentando um trabalho de intencionalidade pedagógica emancipatória para a Educação Física escolar.

Em sua obra 'Transformação didático-pedagógica do esporte', Kunz (2004) se parte da discussão de Trebels (1988), que baseando nas ideias de Buyterndjk (1956) e Tamboer (1979 e 1985), amplia o sentido do “se movimentar” humano no esporte. Para elaborar uma análise do movimento, tendo como exemplo o saltar, na ginástica destaca quatro elementos apresentados aqui resumidamente:

- 1) O autor do movimento;
- 2) O mundo do movimento. Que se apresenta sempre em situações de compreensão e superação para o “se movimentar” dos sujeitos;
- 3) Uma bem determinada forma ou modalidade do “se movimentar” em relação a uma determinada configuração espaço-temporal;
- 4) A relação do sentido/significado enquanto precondição normativa na seleção e organização dos movimentos pretendidos.

Finalizando estas interpretações, Kunz (2004) alerta para a necessidade de ampliar a reflexão do movimento enquanto “diálogo entre Homem e Mundo”, servindo de base para a interpretação pedagógica do movimento humano, fundamentando um trabalho de intencionalidade pedagógica emancipatória para a Educação Física escolar.

Sendo assim, na abordagem Crítico-Emancipatória, assim como a Educação Física pode se utilizar conhecimentos com o movimento humano visando alcançar o máximo de rendimentos, ela pode também utilizar esse conhecimento na ótica de sujeitos constituintes e que esses sujeitos possam ser pensados como agentes e autores de suas próprias vidas e de seu mundo. Afirmando que o mundo objetivo e autoritário de movimentos pode ser transformado num mundo fenomenológico e crítico de movimentos.

O Interesse pedagógico da Educação Física deve, entretanto, se interessar pelo mundo fenomenológico onde:

[...] o movimento passa a ser compreendido e interpretado na sua apresentação 'natural' em contraste com o mundo objetivo de movimentos onde o mesmo se apresenta de forma artificial e fragmentado do real. (KUNZ, 2004).

Logo, compreender o mundo fenomenológico e das interpretações naturais de o “se movimentar” é de suma importância para a didática pedagógica da Educação Física, pois ele se constitui para crianças e adolescentes um “compreender-o-mundo-pela-ação. Há de se resgatar, então, no fazer pedagógico

da Educação Física, que o mundo natural do “se movimentar” re-compreenda o sentido fenomenológico do brinquedo e do jogo.

Entender a concepção crítico-emancipatória no ensino de Educação Física escolar é ampliar as possibilidades que o conteúdo requer. É também saber que o “se movimentar” humano passa muito adiante do que conceitos preestabelecidos ou na formações de “atletas gigantes”.

Sucintamente, posso afirmar, de acordo com Kunz (2004), que o interesse da aprendizagem motora na análise, no estudo do movimento humano se concentra em: estudar o movimento humano enquanto conduta ou ação humana; analisar as possibilidades de otimizar o rendimento motor; aproveitar estes conhecimentos (anteriores) para a melhoria da performance humana nas dimensões perceptivo-cognitivas, emocional-afetiva, social e motora, e na concepção de interdependência.

O movimentar-se fica muito claro na participação dos alunos, no interesse e na alegria que a dança consegue provocar. Nela, os alunos aprendem a origem dos passos, bem como aprendem a respeitar a cultura que a envolve, confirmando as palavras de Kunz, onde:

A caracterização mais típica para a dança e os seus movimentos, é sem dúvida a constante busca da alegria e do prazer proporcionado por movimentos ritmados e compassados, desenvolvendo de forma criativa diferentes funções mímicas e pantomímicas (KUNZ, 2004, p.91).

Ou seja, na dança que os alunos podem desenvolver o movimentar-se livremente, transformando a quadra de esportes num espaço de vivência e de expressão, e como bem expressa Kunz (2004), é neste momento que o aluno descobre o “*saber-sentir*” pela dança. Em outras palavras, o aluno descobre que pode descobrir sem ter que pensar que a Educação Física o está preparando para ser um grande atleta, ou o melhor dançarino, mas a abrir novos horizontes para que ele “se sinta” e “se perceba” enquanto sujeito, e não objeto da situação. Chama-se também: inclusão de todos no processo (não sou forte, mas sei fazer os meus movimentos [...]).

Apresentarei aqui um exemplo citado por Kunz (2004) em Situações de Ensino, e que me impressionou bastante pelo uso do lúdico na aprendizagem, me levando a considerar a análise do movimento nas atividades lúdicas (brincadeira e jogo). Embora possa parecer um pouco fora do contexto, esse exemplo nos dá a dimensão de como é possível, através de atividade prazerosa, que chamarei aqui de “eu-movimentar numa corrida veloz”.

Situação de Ensino I – Corrida Veloz

O aluno deverá vivenciar as possibilidades de imprimir o máximo de velocidade numa corrida sem objetivo de comparar-se com um companheiro ou correr contra um cronômetro (KUNZ, 2004, p.131).

Nas orientações o autor sugere fitas de diferentes tamanhos (do tipo de ginástica rítmica) presas a um boné. Na prática, os alunos vivenciaram a “transcendência dos limites pela experimentação”, já que cada um pôde escolher o boné de sua preferência, e a “transcendência dos limites pela aprendizagem”, pois cada um teve a liberdade de experimentar sua velocidade de acordo com o tamanho da fita. Por fim, “transcenderam os limites criando”, onde experimentaram novas formas de correr sem ter de passar por situações de competição.

Na análise do interesse pelo movimento, o jogo ou a brincadeira pode atrair a atenção das crianças, que vivenciarão o “movimentar-se” numa dimensão bem próxima a eles, ou seja, o movimento ganha sentido para o aluno, não sendo um mero meio para aquisição de habilidades, mas sim uma finalidade. Experimentando o movimento o aluno passa a ver um sentido no mesmo, e construir uma relação de prazer com a atividade.

3. A EDUCAÇÃO FÍSICA NO COTIDIANO ESCOLAR

Neste capítulo em um primeiro momento irei fazer uma descrição da escola onde foi realizado o trabalho de campo, tratando a história da instituição, a forma como a educação física é vista pela mesma, o espaço físico que ela possui e as condições de trabalho para os professores de Educação Física.

Em um segundo momento irei dissertar sobre as aulas de educação física nesta escola, utilizando como referencia o registro das aulas que produzi durante a observação e da entrevista que fiz com os professores e bem como o estudo das concepções pedagógicas da educação física que fiz no capítulo 1.

3.1 Breve contextualização sobre a Escola como contexto de pesquisa

A Escola Aprender é uma escola fundada a mais de 60 anos por Padres Espanhóis e trás em sua proposta pedagógica as filosofias dos mesmos. Dentro desta filosofia podemos destacar a importância pela formação humana dos alunos, bem como a importância que é dada para tal.

Embora seja uma escola já constituída há bastante tempo, a Escola Aprender nunca contou com muitos alunos, e apenas nos dias de hoje está se tendo um significativo crescimento no numero dos mesmos, passando de mil alunos. Quando o número de alunos era melhor, ficava mais fácil para a escola desenvolver sua filosofia de trabalho, mas mesmo com o aumento do numero de alunos a escola tem tentado manter a relação de proximidade com os mesmo, que lhe é característica.

A Escola Aprender sempre teve uma boa visão da Educação Física, tanto que dos 4 principais festivais organizados pela escola, 3 são de responsabilidade da Educação Física (Projeto Viver Melhor, A festa Junina e o Festival de Dança). Com isso os espaços para a educação física tomam boa parte do espaço físico da escola, sendo constituído por 4 quadras descobertas, 1 piscina, e um ginásio com 2 quadras cobertas, 1 caixa de areia (que era usada para salto em distancia), além de dois espaços com diversos brinquedos.

As aulas de Educação Física na Escola Aprender acontecem sempre com duas turmas simultâneas, e há 1 professor para cada uma das turmas, ficando assim cada professor com um grupo médio de 35 a 40 alunos. Para a educação física do ensino fundamental 1 os professores ministram as aulas simultaneamente, trabalhando com os alunos das duas turmas. Já a partir do Fundamental 2, passando para o Ensino Médio, cada professor ministra aulas diferentes para metade dos alunos (1 turma).

Os diários dos professores trazem as meninas como alunas da Professora, e os meninos como alunos do professor, no entanto essa separação dos diários não reflete bem a separação das turmas, pois, embora para se trabalhar os esportes eles dividam as turmas por gênero, cada professor ministra as aulas dos temas que possuem maior domínio, sendo assim, há momentos em que os professores trabalham com as meninas, e a professora com os meninos, 'desrespeitando' a ordem do diário.

A medida do interesse de participação dos alunos nas aulas de Educação Física diminui gradativamente à medida que os alunos vão para uma escala maior na grade de séries escolar. Nas primeiras séries a participação é maciça dos alunos, e permanece assim até o 7º ano do fundamental, a partir desta série começam a aparecer um numero maior de alunos sem, interesse pelas aulas de educação física, e esse desinteresse se intensifica no Ensino Médio.

Os professores dessa escola de uma maneira geral são professores que não largaram sua formação, possuindo todos pelo menos uma pós-graduação no currículo, com a exceção de um dos professores que é recém formado.

A Educação Física é a única disciplina do colégio que possui um núcleo de coordenação, e faz reuniões esporádicas para se organizar. Dentro dessas reuniões uma é para organização dos conteúdos e cronograma da disciplina, e os outros acontecem antes dos eventos e festivais organizados anualmente pela Educação Física na escola, com o intuito de organizá-los.

A escola possui um espaço muito bom para a prática da Educação Física, com quatro quadras descobertas, uma piscina de 25 metros, duas quadras cobertas e dois espaços com brinquedos variados. Porém a educação física atualmente não trabalha com todos estes espaços, aliás, ela vem acontecendo de maneira até meio 'pobre' nesta escola. Limitando-se muito à prática dos esportes e de jogos pré-desportivos. Isto ocorre, de acordo com o professor Paulo, por conta do regimento

da escola, que de acordo com ele ‘talha’ o professor para atuar da maneira que ela deseja. Paulo ainda diz que isto se agrava ainda mais nesta escola muito por conta da visão que o coordenador de Educação Física tem sobre o objeto pedagógico da mesma, limitando assim os conteúdos a serem ensinados aos alunos.

3.2 Os professores e as aulas

Nas entrevistas realizadas com os professores sobre a prática pedagógica da Educação Física nas escolas, optei por dividir em tópicos para facilitar a compreensão do contexto real.

- a) Organização do trabalho pedagógico;
- b) A importância e o sentido da Educação Física na escola;
- c) Concepções teóricas e diálogo com o contexto acadêmico.

Em relação à **ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO** a professora Maria tem consciência que a Educação Física é tudo “o que envolve o corpo, acerca de anatomia, fisiologia, quanto dos movimentos de saltar, correr, a parte humana, questões de psicologia, os esportes e suas regras”. Ou seja, o conceito acadêmico no que diz respeito à Educação Física está bem claro para a professora. O professor Paulo partilha da mesma visão da professora Maria neste ponto, mas, ao contrario da mesma, ele é a favor de se que se tenham aulas teóricas para abordagens desses temas, acreditando até que isso ajudaria a legitimar a educação física enquanto disciplina escolar, enquanto a professora Maria acredita que esse tipo de abordagem iria descaracterizar a educação física.

Em relação à organização das aulas no contexto escolar, percebe-se que há uma relação muito estreita da Educação Física com os eventos da escola (festa junina, olimpíadas, etc.), mas mesmo assim, os professores ainda procuram levar os alunos a uma vivência mais ampla com as práticas esportivas. Mas mesmo com esse limite de organização proposto pela proposta da escola, há diferenças no que diz respeito a o que os professores esperam que os alunos aprendam.

Neste ponto o professor Paulo, se aproxima muito dos ideais crítico-emancipatórios propostos por Kunz, dizendo que:

Eu espero que ele aprenda que seja em jogos, danças ou nos esportes ele é um agente, e que sua atuação interfere num coletivo. Assim que ele reflita que no modo que ele interfira naquela atividade ele pode melhorar e piorar para ele e para todos aquela atividade, assim espero que ele aprenda a

refletir sobre o seu papel, sabendo que ele pode melhorar ou piorar o ambiente que ele vive, a atividade que ele faz, é isso. (professor Paulo, entrevista)

Ou seja, ele busca auxiliar o aluno a conseguir autonomia, a refletir suas ações, e não apenas enxergar a prática como prática, ou como um meio de educar o corpo. Isso se justifica pois, embora a teórica crítico-emancipatória não seja citada como um norteador teórico para suas aulas, Paulo cita o Coletivo de Autores como uma referencia, bem como o CBC (conteúdos básicos comuns) do estado de Minas Gerais, e neste ultimo há uma aproximação com os ideais propostos por Kunz, ou seja, ele se norteia mais pela abordagem mais psicológica do entendimento da Educação Física.

Podemos perceber isto, em parte, através analisando uma aula de natação ministrada pelo professor Paula para turmas de 2º e 3º ano do ensino fundamental:

No começo da Aula o professor Paulo entregou a cada um dos alunos um espagete e deixou que eles “vivenciassem” o mesmo por um pequeno tempo. Após isto o professor começou uma série de exercícios para aquecimento. Nestes exercícios eram utilizados os espaguetes e o professor Paulo procurou deixar as atividades mais divertidas para as crianças, culminando assim por dar o “rebolation” como ultimo exercício de aquecimento (o professor demonstrou todos os exercícios para os alunos).

Após o aquecimento os alunos entraram na piscina e tiveram um tempo livre de cerca de 2 minutos para se adaptarem à piscina. Após esse tempo os alunos começaram as atividades para aprendizado dos natos, esta aula foi mais focada em atividades para aprendizado da pernada. Todos os exercícios eram realizados em duplas e o professor Paulo foi fazendo as correções necessárias.

Em uma das atividades uma das duplas, com o intuito de chegar primeiro ao outro lado da piscina, realizou um dos exercícios de maneira errada. Após todos os alunos chegarem ao final o Professor fez questão de ressaltar que estes não eram exercícios de velocidade e não era importante quem chegasse primeiro, e sim que todos executassem o exercício da maneira correta. Após isto Paulo foi liberando as duplas uma a uma a fim de evitar que houvesse uma nova “competição”.

Após os exercícios o professor deixou que os alunos brincassem livremente pela piscina, experimentando de seus espaços da maneira que eles quisessem, e isto perdurou pelos últimos 5 minutos da aula.

Após isto os alunos saíram da piscina e foram aos vestiários para trocar de roupa, e após todos estarem trocados, o professor Paulo acompanhou os alunos até suas salas.(Descrição da aula-registro próprio)

Nota-se neste relato que o professor Paulo se preocupa não apenas no aprendizado técnico, e em trabalhar a natação como um esporte de competição, no momento em que ele intervém na aula a fim de eliminar a idéia de competição, não só por isto interferir no aprendizado, mas também para mostrar que nem tudo na vida é competição, e que em alguns momentos deve-se primar pela qualidade do que se faz, e não pensar apenas no resultado final.

A professora Maria por sua vez é mais tem uma visão diferente sobre o que deseja ensinar, dizendo que: “Eu espero que os alunos aprendam a base da aula, ou seja, os conhecimentos básicos dos jogos, de regras dos esportes.”

Ou seja, não há um objetivo que dialogue com as abordagens sociológicas de ensino, e a professora Daniela não citou autores como referencia, dizendo se basear nos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), mas, com a observação das aulas foi possível perceber uma aproximação com as propostas de viés biológico da Educação Física, em especial à desenvolvimentista, que se baseia no desenvolvimento motor do indivíduo.

Podemos perceber melhor a sua postura didática analisando uma aula de basquete que ela aplicou para as turmas de ensino fundamental 2 (6º ao 9º ano):

No começo da aula a professora Maria reuniu as alunas na arquibancada para fazer chamada e dar considerações iniciais. Neste momento ela pediu para que as alunas se assentassem próximas umas a outras e explicou que tal procedimento se devia para que a mesma pudesse executar tais procedimentos sem desgastar demais a sua voz.

Em seguida a Professora reuniu as alunas em círculo no centro da quadra do ginásio e explicou um pouco do esporte a ser trabalhado na aula: O basquete. Nesse momento ela passou algumas informações básicas sobre o esporte e logo após começou uma seção de alongamento com as alunas. Durante a seção de alongamento a Professora Cecília ia percorrendo o círculo e fazendo correções individuais nas alunas que apresentavam algum erro de execução.

Após os alongamentos a professora começou as atividades para trabalhar o basquete, essas atividades se dividiram em dois momentos. No primeiro momento foram realizados exercícios analíticos para o aprendizado dos fundamentos do basquete. Esses exercícios foram realizados em grupos de 4 a 5 alunas e treinavam basicamente as habilidades de drible(quique) e passe. Antes da realização de cada atividade a professora Daniela fazia uma explicação demonstrativa da mesma.

No segundo momento foi realizado um jogo pré-desportivo, nesse jogo foram trabalhadas as habilidades de drible, passe principalmente arremesso. Para a realização do jogo as alunas foram divididas em 4 times, sendo que 2 times “competiam” em uma tabela e os outros dois na outra tabela. Durante a realização do jogo a professora não conseguiu observar de maneira igual os dois jogos simultaneamente, mas na medida do possível ela ia dando algumas dicas para as alunas realizarem da melhor forma possível.

Após o termino dos jogos em ambas as tabelas a professora se despediu das alunas, agradecendo a participação e as liberou para regressarem à suas salas.(descrição da aula – registro próprio)

Esse registro se mostra um pouco de sua concepção pedagógica, pois a professora Maria se preocupou apenas com o aprendizado técnico do esporte, ela até traz consigo muitas vezes uma postura que se apóia nas teorias sociológicas, principalmente na hora de tratar com os alunos, quando ela propõe alguns combinados, e na relação de respeito que ela busca que seja recíproca entre ela e

os alunos. Mas podemos perceber o viés biológico desenvolvimentista em sua metodologia didática na proposição que ela faz de trabalhar um mesmo conteúdo com séries diferentes.

Para as turmas das primeiras séries do fundamental (até 5º ano) a professora Maria trabalha apenas com jogos pré-desportivos, pois julga que eles não estão totalmente prontos para o jogo em suas concepções metodológicas sistematizadas. Sendo assim ela começa a trabalhar o esporte em sua concepção institucionalizada a partir do 6º ano, e segue a mesma linha de trabalho até o 9º ano, dividindo o conteúdo em 2 semanas, onde se trabalha praticamente só fundamentos e alguns jogos para aprimoramento técnico na 1ª semana, e a prática do jogo federado na 2ª semana, passando assim fundamentos e regras. E seguindo essa progressão as para as turmas do ensino médio é dado apenas o jogo federado, pois de acordo com ela os alunos já tem um conhecimento técnico melhor, e trabalhar fundamentos com eles é desmotivante, sendo assim fica apenas o jogo.

Tal progressão segue um pouco a linha das idéias de Go Tani, que também se preocupa com que o individuo pratique e com as concepções psicológicas do aprendizado, mas considera que os alunos tem etapas de aprendizado, e assim separa metodologicamente os conteúdos a serem trabalhados de acordo com essas etapas.

Lançando ainda mão de registro, podemos ver diferenças ainda quando os professores trabalham um mesmo tema com a mesma turma, isto ocorreu com o conteúdo basquete:

Professor Paulo:

Ao começo da 1ª aula do dia, para as turmas do 2º Ano do Ensino Médio, Paulo solicitou que as meninas se organizassem nas equipes previamente montadas e começou a mediar a prática. Ele foi tentando cativar as meninas que não quiseram praticar de início a jogarem, mas isto foi em vão, e ele não as forçou a jogar, porém não anotou presença às alunas que não participaram.

Durante o jogo o professor Paulo ia mediando o mesmo, e a medida com que iam ocorrendo lances em que as alunas erravam por falta do domínio das regras, Paulo parava o jogo, apitava as 'faltas' e explicava as regras para as alunas.

Após o termino da partida, Paulo se reuniu com as alunas para conversar acerca dos métodos com que vinham sendo trabalhados as unidades temáticas das aulas, e pediu sugestões às alunas. Foi sugerido a ele que se trabalhasse mais os fundamentos dos esportes, e não somente o jogo em si.

Na aula do 3º ano do ensino médio, Paulo precedeu da mesma forma, porém ele enfrentou uma resistência muito maior por parte das meninas para realizar o jogo. Após muita conversa ele conseguiu fazer com que um grupo de alunas comesçassem a prática, e durante a mesma conseguiu

mobilizar mais algumas 3 alunas para que elas entrassem no decorrer do jogo (descrição da aula – registro próprio).

Professora Maria:

Seguindo metodologicamente à sua unidade temática do basquete, a professora Maria separou os times e deixou que eles jogassem, e assim ficou mediando a prática. Maria fez questão de marcar presença apenas para as alunas que estavam participando da aula, e para as que não podiam participar por conta de atestado médico, já Paulo não fez o mesmo. A professora Maria durante a mediação do jogo fazia diversos elogios sempre que as alunas faziam jogadas positivas e as encorajava a se soltar mais no jogo, e houve um bom retorno por parte delas (descrição da aula – registro próprio).

Diante desses relatos, pode-se perceber algumas diferenças quanto à forma de trabalho dos professores, enquanto o professor Paulo lança mão de conversa e do diálogo para levar os alunos a praticar, a professora Maria utiliza-se de meios mais firmes, tentando sim pelo diálogo, mas quando não tem sucesso, utiliza os recursos que tem para instigá-las a praticar, neste caso, a marcação de presença nas aulas apenas para quem pratica.

Para além disto à forma de mediar o jogo é diferente, a professora Maria é mais rigorosa nas marcações, e quando há algum lance mais ‘polêmico’ intervém na hora e explica o fato. Já Paulo deixa a prática acontecer de um jeito mais solto, sem se preocupar tanto com as regras, intervindo apenas em lances mais ríspidos, ou duvidosos, em que se faz necessário uma intervenção.

Tais posturas tem ambas pontos positivos e negativos, a metodologia que Paulo aplica para convencer os alunos a praticarem é muito interessante, pois busca que o aluno tenha a vontade de jogar, e trabalha com a relação de autonomia do aluno e tomar suas decisões, e trabalha com uma relação prazerosa com a prática, em compensação é uma forma mais solta de se trabalhar, e quando as turmas são desinteressadas, corre-se o risco de não haver aula, sendo assim os alunos descompromissados e sem vontade podem prejudicar alunos que queiram praticar, privando eles da mesma por falta de pessoas para tal.

Já a postura da professora Maria tem como ponto positivo um maior controle da turma, e sendo assim um maior número de alunos praticando. Muitas vezes um aluno que por receio não quer praticar, ao praticar contra vontade pode passar a gostar da mesma. O ponto negativo é que o contrário também pode vir a ocorrer, e o aluno que sempre joga obrigado pode nunca ter o prazer de praticar nenhuma atividade, e assim construir uma relação de ódio com a educação física, e assim passar a repudiá-la, para além de que os alunos que jogam contra a vontade

podem atrapalhar o jogo, jogando de má vontade, e com isso prejudicar a prática dos alunos interessados.

Sobre a **IMPORTÂNCIA E O SENTIDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA**, os professores são unânimes na percepção de que a escola procura contratar bons profissionais, mas avaliam o trabalho deles na dimensão e no sucesso dos eventos, como disse o professor Paulo: “a EF é responsável por 4 grandes eventos e ela é avaliada pelas coordenações e pela direção se ela vai bem ou mal em cima dos eventos. No ano em que os eventos tem sucesso, a EF está excelente, se os eventos vão mal, a educação física está uma porcaria”.

Outro ponto em comum dos professores a a associação da imagem deles enquanto “recreadores”, e que as aulas são utilizadas como uma espécie de “válvula de escape” para que os alunos relaxem da tensão das outras disciplinas durante as aulas de Educação Física. E isto é, na minha visão, um erro latente em quase todas as escolas, já que esqueceram os treinamentos dos esportes especializados (como ocorria em tempos atrás), para valorizar o “momento de recreação”, como os próprios alunos percebem.

Sobre a Escola, os professores concordam que existe um bom espaço físico para o trabalho deles, embora não haja valorização por parte da coordenação sobre o que eles estão trabalhando em suas aulas.

Quando questionados sobre o que precisa ser melhorado na Educação Física na escola, os professores são unânimes nos seguintes pontos:

- Necessidade de reunirem-se para planejamento;
- Trabalho em equipe;
- Necessidade de turmas menores.

Sobre esta questão, noto que, devido a pouca importância que a escola concede à Educação Física, não possibilita que os professores possam trabalhar em conjunto, fragmentando a atividade deles e impossibilitando que possam melhorar o seu trabalho junto aos alunos.

Turmas menores é uma necessidade, a meu ver, não somente da Educação Física, mas também de todas as áreas de conhecimento. Infelizmente, tanto em escolas públicas como particulares, essa questão é um agravante para que se oferte uma educação de melhor qualidade.

Por fim, sobre as **CONCEPÇÕES TEÓRICAS E DIÁLOGO COM O CONTEXTO ACADÊMICO**, constatei que existe um projeto pedagógico escrito

voltado para a Educação Física, onde foram discutidas mudanças necessárias para a prática escolar, mas esse projeto não é seguido devido a fatores já apontados anteriormente.

Em relação às concepções teóricas, os professores mostram fragilidade no que diz respeito a um embasamento teórico, tendo o professor Paulo uma linha teórica definida, mesmo que pouco trabalhada, e a professora Maria sem um referencial norteador, mas ambos mostraram ter tido contato na sua formação com conceitos que norteiam o trabalho dos professores na escola atualmente, como os princípios de inclusão, e abordagens que tem uma preocupação sociológica, maior no caso de Paulo, e menos no de Maria. Mas um fato a se destacar é a falta de contato dos mesmos com estas produções, que estabelece uma espécie de contradição entre o saber que estão proporcionando na escola e a pesquisa, que não está presente no contexto dos mesmos.

Porém ambos os professores se mostraram preocupados com isso, e em quando na entrevista questionados sobre como avaliavam suas ações profissionais, ambos lembraram que precisam melhorar a questão dos referenciais teóricos, ou seja, lembraram que a falta de contato com as produções acadêmicas acerca das metodologias que embasam a educação física escolar é um ponto a ser melhorado. Mas de uma maneira geral eles estão satisfeitos com a prática docente deles. E se sentiram de certa forma limitados pela proposta que a escola tem de educação física, baseada em eventos, e com isso dizem fazer o melhor que podem em cima dessas limitações.

O que ficou claro neste período de observação é que realmente a escola valoriza demais esses eventos e utiliza a Educação Física como referencial para eles. Só que, se tudo correr bem, a Educação Física está bem, mas quando há problemas nos mesmos, é como se tudo o que a educação física estivesse fazendo não valesse de nada.

Avaliar um trabalho de um profissional em cima de eventos extra-classes é muito complexo e corre-se o risco de ser injusto com a totalidade das ações realizadas pelo professor. Pois com isso passa a se restringir tudo o que a educação física pode oferecer aos alunos há apenas meros eventos e recreações, e isso apenas caminha para a deslegitimação da mesma.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como finalidade analisar no campo das experiências práticas e ações docentes de professores de educação física as concepções pedagógicas que norteiam as mesmas, e com isso procurar entender as possibilidades que cada concepção tem a oferecer. Sendo assim não procurei tomar partido para nenhuma das concepções pedagógicas, até porque considero que todas elas tem muitos pontos positivos, que assim geram possibilidades para se trabalhar os temas da educação física de maneira distinta, logo eu apenas apresente algumas dessas possibilidades e alguns limites dos mesmos. Para assim permitir a quem se interessar por este estudo entender um pouco sobre essas concepções e escolher aquela que lhe oferece as possibilidades à sua ação docente.

Durante as observações de campo para este trabalho me deparei com mais limitações sobre a ação docente do que esperava. Na escola em que foi feita as observações tem um projeto político-pedagógico de educação física que limita muito as ações dos professores, e essa não avalia a ação destes a partir de suas ações docentes, mas sim sobre o sucesso dos eventos extra-classe da escola que são organizados pela Educação Física.

Para além desta limitação há também o número de alunos por professor, que fui unanimemente apontado pelos professores como um fator limitante para suas ações práticas. Pude perceber que isto é efetivamente uma verdade, pois as aulas são extremamente prejudicadas por este excesso de alunos. Nas turmas mais vazias da escola, onde o número de alunos por professor é menor (as duas primeiras séries do ensino fundamental e as duas ultimas do ensino médio), perde-se menos tempo para organizar as turmas e começar as aulas, além de ser mais fácil de organizar as aulas para estas turmas.

O fator numero de alunos por turma somada com a forma como a educação física é vista pela escola acaba culminando em um grande número de alunos por turma que são totalmente desinteressados pela prática da educação física, esse desinteresse começa a aparecer nas turmas de 7º e 8º ano e fica muito grande nas turmas de ensino médio.

Percebe-se, nesse ponto, que ainda existe uma lacuna entre a teoria acadêmica e a prática escolar. Muitas vezes os professores tem a intenção dar um

sentido mais específico da Educação Física, mas esbarram na burocracia ou até mesmo em uma desvalorização por parte da escola, uma vez que a mesma embora dê um certo valor à educação física, não se preocupa com a qualidade das aulas da educação física.

Outro fato que considero poder atrapalhar a ação docente dos professores é a falta de uma formação continuada dos mesmos, hoje está estagnada, uma vez que ambos afirmaram não ter contato com as produções acadêmicas da educação física escolar. Porém mesmo sem ter contato com o que vem sendo produzido nos dias de hoje foi possível identificar bastante das concepções pedagógicas na aula desses professores.

Kunz (2004) afirma que as universidades falham na formação do professor de Educação Física, pois tenta formar especialistas em esportes, porém, despreparados para o “ensinar” e promover aquilo que realmente a disciplina realmente objetiva. É um erro que pode ser presenciado nas escolas, onde existem alunos desinteressados, diretorias que não dão valor concreto à Educação Física enquanto grade curricular e professores desestimulados pelos dois motivos apresentados anteriormente.

O “movimentar-se” fica retido nos movimentos, quase sempre repetitivos e específicos a determinados esportes, e na tentativa de formar “atletas”, exige-se muito do corpo, esquecendo-se da importância do “movimentar-se” na perspectiva pedagógica da Educação Física:

Os movimentos realizados nas modalidades esportivas [...] e que são as práticas hegemônicas na Educação Física Escolar, tem adquirido um nível de exigência do praticante extremamente alto. [...] A transferência desta melhoria da condição física para a promoção da saúde e outros benefícios do exercício físico nem sempre é facilmente conjugada (KUNZ, 2004).

Os dois professores observados neste trabalho são contemporâneos em sua formação, e com isso tem preocupações semelhantes quanto à formação humana dos alunos. E ambos de certa forma trabalham a formação dos alunos em suas aulas, o professor Paulo de uma forma mais intensa, e suas aulas se propõe a isto muitas vezes, e ele coloca isso como uma das suas metas de ensino, e a professora Maria de maneira mais incipiente, trabalhando sempre em alguns pontos de suas aulas.

O contato que tive com os professores durante o trabalho de campo foi muito positivo, pois ao mesmo tempo em que observava as aulas, eu tive a

possibilidade de ir dialogando com os mesmos acerca dos problemas vividos pela educação física na escola, e com isso percebi que as dificuldades que aparecem em nossa ação docente não se restringem às “quadras” ou os “pátios” das escolas, é algo bem maior.

Em escolas como a Escola Aprender onde realizei o trabalho de campo, para que se possa ter uma ação docente melhor é preciso que se legitime a Educação Física primeiro, ou seja, é necessário que aos poucos, mostrando um trabalho consistente, vá se desconstruindo a idéia que a escola tem de Educação Física, baseada em eventos, e em que o conteúdo a ser trabalhado das aulas não tem muita relevância contanto que os eventos aconteçam com sucesso. E após essa desconstrução legitimar a Educação Física como um conteúdo curricular rico e cheio de possibilidades, que muito tem a ensinar e acrescentar na formação dos alunos. Pois somente quando a escola passar a enxergar a Educação Física dessa maneira é que será possível lutar por melhores condições de trabalho, como turmas com menor numero de alunos.

Concluindo esta análise, pode-se perceber que, mesmo com todos os percalços a atravessar, é possível praticar e ensinar a Educação Física nos moldes propostos pelos autores mencionados neste estudo, cada proposta apresenta suas possibilidades e limites, e cabe assim a nós, enquanto professores, escolhermos a que melhor se adéqua ao conteúdo que pretendemos ensinar. Para além disso toda a construção acadêmica da educação física é uma forte aliada que temos para que possamos legitimar a mesma em nossos futuros campos de atuação, caso isso venha a ser necessário.

5. REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. XIX, n. 48, p. 69-88, ago. 1999. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a05.pdf> >. Acesso em: 10 abr. 2011.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física brasileira: autores e atores da década de 80**. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em < <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000115147&fd=y> >. Acesso em: 20 abr. 2011.

FREIRE, João Batista; LISBOA, Adonis Marcos. A inteligência em jogo no contexto da educação física escolar. **Motriz**, Rio Claro, v.11, n.2, p.131-140, mai./ago. 2005. Disponível em: < <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n2/13JBFa.pdf> > Acesso em: 3 jan. 2011.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. 160 p.

SOARES, Carmen Lúcia. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1994. 119p

TANI, Go. Introdução à Educação Física Escolar. In: TANI, G. ; *et al.*. **Apostila do Curso "Educação Física, Vida e Movimento"**. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação - Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 2006.